



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores/FFP

Tamiris Bueno de Freitas

**Monografia: pesquisa na formação docente ou
conclusão de curso?**

São Gonçalo

2010

Tamiris Bueno de Freitas

**Monografia: pesquisa na formação docente ou
conclusão de curso?**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Graduado em Pedagogia
na Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Gianine Maria de Souza Pierro

São Gonçalo

2010

Tamiris Bueno de Freitas

**Monografia: pesquisa na formação docente ou
conclusão de curso?**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Graduado em Pedagogia
na Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aprovado em: _____

Banca Examinadora: _____

Prof^a Dr^a Gianine Maria de Souza Pierro (Orientadora)

Prof^a Dr^a Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
(Parecerista)

São Gonçalo

2010

Dedicatória

A DEUS por todas as vitórias e momentos de aprendizado que Tens proporcionado em minha vida.

Agradecimentos

Sem dúvida alguma cheguei até aqui, escrevi minha monografia e concluí o curso de graduação em Pedagogia pela vontade de DEUS.

Por isso, sempre em primeiro lugar, agradeço a Ele por tudo que tens feito em minha vida e que ainda irá fazer. Agradeço a todos os amigos e familiares que torceram por mim, que entenderam, aceitaram e apoiaram minhas escolhas. Agradeço a minha Professora-Orientadora Gianine Pierro por todo apoio e dedicação destinado a construção desse trabalho. Todos vocês fazem parte de mim! Construindo página por página da minha trajetória e por tudo, tudo, tudo... que passamos juntos digo com muito respeito e carinho...

OBRIGADA, MUITO OBRIGADA!!!

Resumo

Este trabalho busca refletir quanto ao significado e às contribuições do processo de construção da monografia na formação do pedagogo na FFP/UERJ, tendo como base para sua elaboração livros, teses, artigos e educadores que discutem questões como: a importância da pesquisa para a formação do pedagogo, a identidade do curso de Pedagogia no Brasil e sua trajetória, o que é um trabalho acadêmico e as etapas da construção de uma monografia. Como parâmetros para sua elaboração buscamos dados por meio de pesquisa nas fichas catalográficas dos TCCs nas bibliotecas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, bem como realizamos entrevistas com uma professores do Departamento de Educação da FFP e alunos formandos do curso de Pedagogia de tal instituição. Fundamentando-se em livros, textos e artigo de educadores e estudiosos que tratam a questão do curso de Pedagogia no Brasil, sua trajetória, seus impasses, dicotomias, lutas e as mudanças que o fizeram chegar ao currículo que o constitui na atualidade; autores que refletem a questão da pesquisa na formação do pedagogo como um profissional multifacetado e polifônico e que nos auxiliam na compreensão do que é uma monografia, o que é um trabalho científico, como deve ser feito e os padrões estruturais que devem ser seguidos na construção da mesma e as possíveis contribuições para a formação do profissional em questão.

Palavra Chave: Monografia, Formação e Pesquisa, curso de Pedagogia

ABSTRACT

This paper reflects on the significance and contributions of the construction of the monograph in the training of the pedagogue in FFP/UERJ, taking as a basis for their preparation books, theses, articles and educators to discuss issues such as: the importance of research for the development pedagogue, the identity of pedagogy course in Brazil and its trajectory, which is an academic work and the stages of construction of a monograph. As parameters for its production data sought by searching the catalog cards of TCCs in the libraries of the School of Teacher Education at the State University of Rio de Janeiro and Fluminense Federal University, and conducted interviews with professors of the Department of Education FFP students and graduates of the Faculty of Education from that institution. Basing on textbooks and article of educators and scholars who address the issue of pedagogy course in Brazil, its history, its troubles, dichotomies, struggles and changes that did come to the curriculum is in the news, authors reflect the research question in the formation of a professional educator as polyphonic and multi-faceted and that assist us in understanding what is a monograph, which is a scientific work, as should be done and the structural patterns that must be followed in building the same and possible contributions to the formation of the professional in question.

Keyword: Monograph, Training and Research, Faculty of Education

Sumário

MEMORIAL.....	09
1. UMA SÍNTESE DA TRAJETÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL.....	13
1.1 A construção/afirmação da identidade do curso de Pedagogia no Brasil.....	14
2. A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.....	20
2.1 Entrevista com as formandas.....	23
3. O QUE É MONOGRAFIA?.....	26
3.1 Etapas para construção da monografia.....	27
3.2 Escrevendo a monografia.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	34
ANEXO I.....	34
Roteiro das entrevistas.....	33
ANEXO II	34
Pesquisa na biblioteca da FFP.....	35
Pesquisa na biblioteca da UFF.....	36

Memorial

Para a construção desse trabalho científico venho recordar algumas experiências que marcaram meu cotidiano familiar e escolar ao longo de minha trajetória. Sou estudante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores, ingressei na instituição no primeiro semestre do ano de 2006 para a realização do curso de graduação em Pedagogia, sou de uma família onde não há ninguém com um diploma universitário e por isso, ingressar e concluir um curso de nível superior se tornou um grande sonho. Sempre fui muito incentivada a estudar, minha mãe sempre fez questão de enfatizar a importância do estudo para a vida, dizendo que estudar seria a única forma de um dia eu poder chegar onde ela não conseguiu chegar e que essa seria a melhor maneira de alcançar meus objetivos, sempre me incentivava a ver os estudos com seriedade e dedicação através de longas conversas.

Nossa situação financeira não permitia que eu estudasse em escolas particulares e por conta do baixo nível de escolaridade e da agitação do dia-a-dia dessa pessoa que tanto me impulsionava a estudar, não podia contar com seu auxílio nas tarefas escolares. Guardo bem em minhas lembranças a fase em que estava sendo alfabetizada, na escolinha em que estudava, “*Chapeuzinho Vermelho*”, foi pedido que comprasse uma cartilha¹ para que pudéssemos acompanhar as lições.

A cartilha “*No Reino da Alegria*” durante muito tempo foi uma das minhas distrações preferidas, passava a maior parte do tempo com essa cartilha na mão. Enquanto a turma estava na letreirinha “a” eu já queria fazer a “e”, quando chegava da aula refazia toda lição do dia e passava horas fingindo já saber decifrar todos aqueles códigos que ali estavam. E assim, no decorrer dos meses, com toda minha dedicação e prazer finalmente aprendi a ler. Mas descobri que meu anjo da guarda, quem tanto valorizava o estudo, quem tanto fez dedicar-me a ele, não era detentora desse saber, não teve a mesma oportunidade que eu estava tendo de encontrar nas palavras a chave que me abriu a porta para grandes descobertas e a janela de um novo mundo, o mundo do conhecimento da escrita.

¹ Esta cartilha é de autoria de Doracy de Paula Falleiros Almeida, Ed. IBEP, São Paulo, 1991.

Durante o curso de Pedagogia na FFP/UERJ descobri, então, que 25% da população do nosso país são considerados analfabetos funcionais, de acordo com dados da pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizada no ano de 2008, e que essa estatística se faz presente em meio ao meu ambiente familiar. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), analfabeto funcional² é o indivíduo com menos de quatro anos de estudos completos que, em geral, saber lê e escrever frases simples, mas não é capaz de interpretar textos e colocar idéias no papel.

Ao saber sobre essas informações pude entender melhor porque, em alguns momentos, minhas dúvidas sobre as lições escolares enviadas como tarefa de casa não podiam ser sanadas. Compreender este fato me impulsionou ainda mais, não somente para a conquista do diploma universitário, mas também para a constante aquisição de conhecimentos, hoje sei que grande parte da força, do empenho, da dedicação e todas as barreiras que ultrapassei foram por conta desse desejo.

Depois de ler todas essas linhas você pode estar pensando...(!)(?) “-*Mas quanto esforço é possível ser feito no sentido de realizar os desejos e sonhos por uma vida melhor???*”

Como sabemos, antes de chegar à universidade, é indispensável passarmos pelo *Ensino Fundamental e Médio*. Retomando minha história, cursei essas etapas de formação em escolas *públicas tradicionais*, que privilegiavam a aprendizagem voltada para reprodução dos conhecimentos e informações transmitidas por professores e livros didáticos. Nas duas escolas em que cursei o Ensino Médio, nenhuma exigia que eu fosse uma aluna curiosa, questionadora, investigadora; bem pelo contrário, o importante era decorar toda matéria para a prova e responder conforme o texto. Era o famoso “decoreba”, “decorou – passou”, ou seja, decorando toda lição e respondendo exatamente o que o professor e/ou o texto considerava correto eu estava aprovada. E posso dizer que isso eu fazia muito bem, sempre tirei boas notas e era considerada uma ótima aluna, afinal a tarefa de decorar não é tão difícil assim, basta ler a mesma coisa várias vezes e pronto, está feito... É claro que uma boa dose de atenção é sempre importante.

E essa dinâmica se fez presente durante toda minha formação escolar, até que cheguei à etapa decisiva para o ingresso na universidade pública, o *vestibular*. Para ser aprovada nos exames de qualificação tive que estudar muitas vezes, muitas matérias, para conseguir atingir

² Dados retirados do site:
<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/1055512/analfabetismo-funcional-e-mais-um-desafio-que-o-brasil-precisa-enfrentar>

uma pontuação que me considerasse “*apta*” a ingressar no sistema universitário e assim poder realizar aquele antigo desejo construído ao longo de anos de dedicação aos estudos.

Enfim consegui. No ano de 2005 prestei vestibular e passei, fui classificada. Fiquei extremamente feliz, mas mal sabia o que estava a me esperar, não tinha noção do que era uma universidade, o que era um curso de nível superior e apesar de não saber ao certo de que se tratava o assunto já tinha um enorme temor da tão falada e pouco explicada *Monografia*. Logo que iniciei o curso ouvi alguns professores aconselhando que fossemos pensando sobre nosso tema de monografia, falavam do assunto como se nós, alunos, soubéssemos exatamente do que se tratava. Entre os colegas, estudantes, as informações sobre monografia eram imprecisas, cada um apresentava o seu olhar ou o que conseguiam falar sobre o assunto. As disciplinas Pesquisa 3 e 4, que tem por finalidade discutir e elucidar o trabalho científico que é a monografia, estavam muito distantes daquele momento e por isso as dúvidas e temores se faziam constantes.

Ninguém, inicialmente, chegou para nós e nos disse o que é, pra que serve, por que devemos realizá-la e para que a mesma seria útil em nosso processo de formação. Simplesmente era dito que deveria ser feito e pronto. Como se escrever uma monografia ou qualquer outro tipo de texto autoral, fosse uma atividade que viéssemos treinando a vida inteira, como se essa experiência fizesse parte da formação de todos nós.

O tempo foi passando e fui percebendo que todo aquele ritmo que adquiri ao longo do tempo em que estive na escola, aqui na universidade, em algumas situações de aprendizagem, a produção de conhecimento acontece de maneira distinta. Depois de mais de uma década reproduzindo o que me era transmitido, foi exigido que houvesse uma grande mudança, em pouco tempo, para suprir a necessidade de me tornar uma aluna pesquisadora, questionadora, capaz de não só ler, mas principalmente entender os textos e produzir conhecimentos através das informações contidas nos mesmos e sem plagiar o autor!!! Fazer citações, escrever um texto com embasamento teórico, indicar de maneira adequada as referências bibliográficas, além de seguir as normas técnicas que regem a escrita de um trabalho científico. Nossa, é muita informação!!!

Imagina só!?!... Lembrando da experiência em que passei tantos anos apenas lendo, decorando e reproduzindo informações, ao entrar na universidade me vejo diante da exigência de uma produção de texto científico, com bases teóricas a fim de concluir o curso de Pedagogia na FFP/UERJ. O trabalho final de curso, a monografia é uma demanda que precisamos atender. Mas sempre me questioneei quanto às contribuições da mesma para a formação docente.

Será que não seria mais fácil entender e realizar um trabalho com essas dimensões se fôssemos apresentados a ele no início de nossa trajetória? Quando ainda estávamos nas fases iniciais de ensino? Quando ainda estávamos na escola de ensino fundamental?

Será que a universidade é capaz de, em apenas quatro anos, contribuir para a transformação da realidade de um aluno tornando-o não apenas um sujeito ouvinte, passivo e coadjuvante da construção de seu conhecimento e sim um sujeito múltiplo; capaz de ouvir, refletir e agir mediante ao que lhe é apresentado?

Assim, ao me deparar com o momento de construir a monografia pude perceber que muito do temor relacionado a esse trabalho acadêmico se dá por conta da falta de conhecimento sobre o assunto. Sobre o que é uma monografia e a importância desse processo de pesquisa para a minha formação, para a formação de um pedagogo. Por isso resolvi tornar algumas dessas indagações fonte de pesquisa e inspiração para o tema do meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Acredito que tentar entender a importância da pesquisa na formação do pedagogo, é essencial para elucidar a obrigatoriedade da escrita do trabalho monográfico como mecanismo para a conclusão do curso de pedagogia na FFP/UERJ nos dias de hoje.

Assim venho por meio deste trabalho acadêmico dialogar a respeito do trabalho científico obrigatório para a conclusão do curso de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, identificar o porquê e suas prerrogativas (o mesmo se tornou obrigatório) e a importância do processo de pesquisa na formação do pedagogo.

Capítulo 1

Uma síntese da trajetória do Curso de Pedagogia no Brasil

O curso de pedagogia pode ser considerado um curso recente em nosso país. Com sua gênese no final da década de 1930, teve sua primeira determinação legislativa através do Decreto-Lei nº. 1.190 de 4 de abril de 1939, entre tanto, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ - este se faz ainda mais recente, tendo sido fundado no ano de 1994. Segundo relatos da Professoras Doutora Inês Bragança³, que atua nesta instituição, este era voltado apenas para o Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Fato que não se distinguia da prática adotada no restante do país, sendo frequentado basicamente por professores experientes em sala de aula que buscavam calcar mais um degrau em sua formação.

A década de 1930 se faz notória para a educação brasileira, foi a partir deste período que o sistema educacional começou a esboçar as mudanças significativas que o contextualiza atualmente. Um dos fatos que torna evidente a importância deste período para o âmbito educacional se coloca pela Reforma Universitária e pelos debates em torno da criação das universidades brasileiras, fortemente influenciados pela linha de pensamento escolanovista e pela introdução de um novo sistema estatal.

Francisco Campos, em 18 de novembro de 1930, tornou-se ministro da Educação e Saúde Pública, ministério criado para favorecer o desenvolvimento do novo modelo estatal, designado “estadonovista”, durante o exercício de sua função no ministério observou a necessidade da formação específica para os professores do “Nível Secundários”, hoje denominado por “Ensino Fundamental”, fato que o fez pronunciar alterações na capacitação de tais profissionais. Em 1931, Campos sugeriu a criação da Faculdade de Educação, Ciências

³ Entrevista realizada com a professora no trabalho de campo desta monografia.

e Letras, dando início à reforma estigmatizada por seu nome. Tal reforma não se instaurou apenas por conta da preocupação do ministro com o sistema educacional, mas também por que essas mudanças beneficiavam diretamente os interesses políticos do grupo socialmente dominante, já que passávamos por um processo de mudança social onde a formação universitária se colocava como fonte de preparação das elites dirigentes para o cumprimento das exigências do novo modelo econômico vigente no país. Modelo este com base consolidada na industrialização, necessitando por tanto de mão-de-obra qualificada/especializada e de um sistema educacional voltado aos interesses do mesmo. Portanto, Brzezinski (1996) nós afirma que:

“O contexto sócio-econômico das décadas de 40, 50 e 60 demandou mão-de-obra especializada e, em conseqüência, forçou a necessidade de expansão do ensino secundário, ocasionando, também, a expansão do ensino superior nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras”. (1996, p 50)

Porém, antes mesmo do curso de Pedagogia adentrar no âmbito acadêmico e se tornar um curso universitário, as idéias pedagógicas escolanovista se faziam presentes através dos Institutos de Educação introduzidos no Brasil por Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo – Instituto de Educação do Distrito Federal, concebido por Anísio Teixeira e dirigido por Lourenço Filho, em 1932 e o Instituto de educação de São Paulo criado por Fernando de Azevedo, em 1933. Brzezinski nos diz que tais institutos foram pensados a partir de uma *“concepção de Pedagogia como ciência, visando proporcionar ao futuro professor a necessária formação para o exercício da docência e também para a pesquisa”* (1996, p.43), direção que nos leva a acreditar que a pesquisa está entrelaçada à educação desde os primórdios de sua concepção.

Entretanto, o curso de pedagogia no cenário brasileiro, tem sua trajetória permeada por diversos impasses relacionados à base de sua formação, tendo como principal discussão sua estrutura curricular e a construção de uma identidade sólida e intrínseca na dimensão social, o que alguns estudiosos, como Bissoli da Silva (1999), denominam como a *“crise de identidade do curso de pedagogia”*.

1.1 A construção/afirmação da identidade do curso de Pedagogia no Brasil

As discórdias ao longo da trajetória do curso de Pedagogia no Brasil entrelaçam-se, entre outros fatos, na dicotomia entre o título e as atribuições que seus formandos receberiam

após a conclusão do curso. Quem concluísse o curso de Pedagogia seria certificado como o quê? Em qual categoria? Bacharel, licenciado ou estaria habilitado às duas funções?

Inicialmente o curso utilizava como base de sua formação o sistema⁴ conhecido como 3+1, onde segundo Brito (2010)

“oferecia o título de bacharel, a quem cursasse três anos de estudos em conteúdos específicos da área, quais sejam fundamentos e teorias educacionais; e o título de licenciado que permitia atuar como professor, aos que, tendo concluído o bacharelado, cursassem mais um ano de estudos, dedicados à Didática e a Prática de Ensino”.

Ainda segundo a autora, com esse sistema o curso *“dissociava o campo da ciência Pedagogia, do conteúdo da Didática, abordando-os em cursos distintos e tratando-os separadamente”*.

Aos bacharéis em pedagogia era oferecido os cargos de técnico em educação e aos licenciados era permitido atuar como professores da Escola Normal, tornando-se responsável pela formação dos professores primário - primeiro ciclo do nível fundamental. O que segundo Brzezinski (1996, p.45), desencadeou uma conhecida premissa: *“quem pode o mais pode o menos”*, ou seja, quem é capaz de formar o professores primário pode perfeitamente atuar nesse segmento.

Com tudo, no primeiro momento, o curso permitia o exercício do magistério nas escolas de curso normal, nos anos iniciais da escolarização infantil e em matérias como Matemática, História, Geografia e Estudos Sociais, no primeiro ciclo do ensino fundamental. Posteriormente, com a Lei da Reforma Universitária 5.540, de 1968 à graduação em Pedagogia passou a oferecer habilitações para Inspeção Educacional, Orientação, Administração e Supervisão, *“assim como outras especialidades necessárias ao desenvolvimento nacional e às peculiaridades do mercado de trabalho”* Brito (2010). Assim, o Parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) n°. 252/1969, responsável pela organização e funcionamento do curso de Pedagogia, sinalizou que a intenção do curso era a de preparar profissionais da educação assegurando a possibilidade do título de especialista mediante complementação dos estudos, o mesmo Parecer preceituava a unificação entre a licenciatura e o bacharelado, definindo o curso com duração de quatro anos.

No início da década de 1980, por conta da demanda social e de sua expansão, o curso tornou-se lugar preferencial para a formação de docentes na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o que despertou interesse em estudantes inexperientes em torna-se pedagogos, designando mais uma discórdia relacionada ao curso. A priori como os

⁴ Essa dinâmica nos cursos de Licenciatura na qual os alunos cursavam no último ano as disciplinas pedagógicas foi uma prática que prevaleceu por bastante tempo no currículo das faculdades.

estudantes que se graduavam em Pedagogia eram dotados de experiências docentes, consideravam as vivências como ponto de excelência no desenvolvimento de suas funções, com o ingresso de estudantes inexperientes a mesma passou a ser minimizada colocando a teoria em primeiro lugar na formação e atuação docente. Tal situação desencadeou mais um impasse dando início à dicotomia entre teoria e prática, uma discussão fortemente marcada em nosso meio até os dias de hoje.

Esta abordagem possui diferentes concepções dos críticos educacionais, uns defendem a tese de que a prática provê de menos valor que a teoria, estes em geral são educadores com pouca ou nenhuma experiência docente; enquanto outros entendem a Pedagogia como práxis, ou seja, uma ciência entrelaçada na lógica entre teoria e a prática, dando igual importância a ambos os conhecimentos e ainda afirmando que uma se complementa com a outra.

Assim, em meio à diversificação de conceitos atribuídos a função pedagógica, Saviani (1976, p.19) nos diz que a Pedagogia se coloca como a “*teoria geral da educação*” sendo “*construída a partir e em função da realidade educacional*”. Reafirmando a concepção de Pedagogia como práxis, Libâneo conceitua a mesma como “*teoria e prática da educação*” que estuda “*o fenômeno educativo na sua globalidade*” (1998, p.89), com a tarefa de compreender os estigmas e as complexidades sociais e possibilitar um ambiente favorável à educação.

Por conta dos impasses e divergências relacionados à identidade de tal curso muito se ouviu falar em seu gradual desaparecimento, o que não aconteceu, a princípio, por conta do trabalho realizado pelas escolas normais, que até então estavam cumprindo com seu papel de formar professores para o magistério nos anos iniciais do ensino fundamental e por meio dos esforços de educadores e legisladores que reconhecem a importância da formação especializada e lutaram por melhorias e adequações do curso voltado as necessidades do seu meio, tendo como objetivo principal a constituição de um curso de Pedagogia inteiramente direcionado a suprir as carências e demandas sociais.

“Por conta da demanda social o curso de Pedagogia, desde então, vem amalgamando experiências de formação inicial e continuada de docentes, para trabalhar tanto com crianças quanto com jovens e adultos”. (BRITO, 2010)

Por isso o curso apresenta atualmente uma estrutura curricular abrangente, que possibilita o exercício da função educativa não somente no âmbito escolar como também em espaços empresariais, projetos sociais, organizações não-escolar, etc. Não estando voltado apenas a educação infantil escolar, a alunos do curso normal e a formação continuada de professores; é válido ressaltar que hoje em dia o curso de Pedagogia é frequentado por alunos

com diversas trajetórias e não somente por profissionais experientes como se via no passado, hoje muitos estudantes ingressam na universidade sem nenhuma experiência pedagógica, sem se quer ter passado pelo curso normal e optam em realizar sua graduação em Pedagogia.

Assim, envolto a diversidade sociocultural, o curso se depara atualmente com um currículo amplo, de visão abrangente e dotado de vastas possibilidades de atuação profissional, atualmente o pedagogo não é formado apenas para lecionar, mas também para gerir; administrar; organizar; pesquisar, e o mais importante, saber interpretar a realidade a qual está inserido e designar, utilizando seus conhecimentos práticos e/ou pedagógicos, estratégias para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento educacional, político, cultural e social do cidadão como um todo. Tendo como possíveis abordagens diversos temas como: Educação de Jovens e Adultos; Atividades educativas em ambientes não escolares; Inclusão escolar; Orientação pedagógica; Coordenação de projetos socioculturais; Planejamento, Gestão e Avaliação de estabelecimentos de ensino, entre outros temas de igual importância para a construção de uma sociedade consolidada no desenvolvimento cultural/intelectual dos cidadãos que a compõe.

De maneira geral, pode-se dizer que o currículo do curso de Pedagogia passou por mudanças fundamentais até chegar ao formato que o estrutura no momento. No princípio o curso se organizava de forma padronizada e rígida seguindo um sistema curricular seriado, a partir de 1962 fixou-se um currículo mínimo e posteriormente consolidou-se uma base de estudos comum a todos os estudantes do curso no país, o que em seguida constituiu os eixos norteadores da base comum nacional do curso de Pedagogia. Possibilitando às instituições de nível superior firmarem seus currículos de acordo com o que julguem ser necessário a formação de seus alunos, mas sempre obedecendo os critérios e padrões mínimos designado pelo Ministério da Educação – MEC, e ao mesmo tempo oferecendo-as autonomia para decidir os mecanismos/instrumentos que serão utilizados em seu processo de mediação do ensino-aprendizagem. Por isso podemos observar que os cursos de graduação em Pedagogia possuem uma base curricular inerente a todos, porém com distinções no método de apresentação de tais conceitos aos seus alunos. Tais diferenças podem ser observadas, dentre outros aspectos, através dos mecanismos utilizados como instrumento de avaliação. Quanto à questão da monografia, como trabalho obrigatório de conclusão do curso, e por tanto integrando a avaliação dos alunos, é uma prática facultativa nas universidades brasileiras. De acordo com o MEC as universidades devem oferecer meios de verificar se seus alunos incorporaram/construíram de forma satisfatória os conteúdos apresentados ao longo do curso, mas o mesmo não diz categoricamente quais são esses meios, deixando a cargo das

instituições de ensino designá-los de acordo com suas próprias concepções de ensino/aprendizagem. Todas as instituições podem pedir que seus formandos realizem um trabalho de conclusão de curso, o TCC, mas este não necessita ser obrigatoriamente uma monografia, podendo ser entre outras opções a escrita de um artigo, a elaboração de relatórios, apresentação de seminário com uma abordagem peculiar ao curso e aos interesses do formando, etc.

Na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a questão curricular também foi alvo de grandes discussões e mudanças. Inicialmente o curso se constituía baseado num currículo fechado, em um sistema chamado “currículo seriado”. No ano de 2005 houve a reformulação do currículo vigente e a implantação no ano seguinte do chamado “currículo novo”. Dentre as mudanças geradas por essa nova estrutura curricular, houve a extinção do currículo seriado para inclusão do sistema de créditos, e a obrigatoriedade da escrita da monografia como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Como já referido anteriormente todas as alterações proferidas à base curricular do curso tem como intuito beneficiar a prática docente e atender às especificidades sociais.

Nas palavras⁵ da Professora Doutora Inês Bragança, que participou ativamente desse processo de mudança curricular na FFP, sobre os motivos que tornaram a monografia obrigatória para a conclusão do curso de Pedagogia na FFP/UERJ, a mesma nos diz que:

“A inclusão da monografia no curso de Pedagogia da FFP/UERJ coloca-se no contexto de mudanças no campo acadêmico que foram constituindo diferentes olhares sobre a prática docente e, conseqüentemente, sobre a formação de professores/as”.

“(...) criticando a fragmentação das muitas habilitações que tomavam como referência a especialização do trabalho pedagógico, caminhou e avançou no sentido de uma proposta de formação multidimensional e polifônica que visa dialeticamente articular docência e gestão do trabalho pedagógico na escola e em instituições não escolares”.

“A história do nosso curso na FFP fala de um amplo contexto de reflexão e reformulação dos Cursos em todo Brasil, justamente no sentido de buscar a formação de um professor/a pesquisador/a, um profissional que cria e recria sua prática docente”.

Com tudo, tornam-se expressivos as conquistas, os progressos, que o curso vem conquistando quanto à definição, afirmação e reafirmação de seus regulamentos, objetivos e principalmente sua identidade. Identidade esta construída numa relação com as dimensões

⁵ Entrevista realizada com a Professora Doutora Inês Bragança na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2009.

sociais, ou seja, uma identidade que tem um pouco de cada um de nós, de cada uma das nossas necessidades e anseios, que visa possibilitar ao sujeito tornar-se um ser ativo, crítico, questionador e pesquisador em sua vida como um todo, mas principalmente no processo de mediação do ensino/aprendizagem, não aceitando o mundo de forma concreta e insolúvel, e sim consciente de suas potencialidades.

Em suma a história do curso de Pedagogia no Brasil “(...) *pode ser considerada como uma história de busca de afirmação de identidade*”. (BISSOLLI da SILVA, 1999)

Capítulo 2

A importância da pesquisa na formação do pedagogo

Pesquisa é ...

“(...) algo que nos lança na interrogação; que nos pede reflexão, crítica, enfrentamento com o intuito, descoberta, invenção e criação. É um trabalho do pensamento e da linguagem; é para pensar e dizer o que ainda não foi pensado e dito. É a visão compreensiva de totalidades e sínteses abertas que suscitam a interrogação e a busca; é a ação civilizatória contra a barbárie social e política”
(CHAUI, 1999)

Em meio a tantas reflexões no campo educacional percebe-se o fortalecimento da relação *docência e pesquisa*, com o desígnio cada vez maior de se formar um profissional crítico, reflexivo sobre a sua própria prática e consciente de seu papel transformador na sociedade. A pesquisa nos possibilita unir diversos fatores enriquecedores ao processo de ensino aprendizagem; através dela somos estimulados a unir conceitos, críticas, experiências pessoais, atitudes empíricas, indagações, atitudes científicas, estabelecer comunicação social, com o anseio de contribuir cientificamente com o campo investigado, de aprofundar o conhecimento num tema específico que se julga ser de importância, ou melhor, que se faz importante para nós. Tudo em prol de construirmos um olhar específico, tornando-nos sujeito ativo do conhecimento.

Houaiss (2002) nos diz que, a pesquisa é um conjunto de afinidades que tem por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico, etc. Sob essas perspectivas a pesquisa tem como essência estimular a curiosidade pelo desconhecido; incitar iniciativas a procura de respostas; elaborar, organizar e descrever de forma clara e objetiva as próprias idéias, dialogando com conceitos científicos já existentes. Devendo ser vista como um direito, um fator positivo e fundamental na formação do pedagogo, tendo em vista a necessidade de uma formação multidimensional, ampla, dinâmica e polifônica para que se possa desenvolver, métodos, conceitos e conhecimentos que ampliem as possibilidades favoráveis ao campo educacional. Paulo Freire nos diz que “*não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino*” (1996, p. 29), assim a pesquisa se coloca como campo

indissociável a formação docente e é considerada pela Prof^a Dr^a Inês Bragança como eixo fundamental na formação do pedagogo a partir das seguintes dimensões:

- *Como atitude filosófica frente à vida:* envolve a indagação, a crítica, a reflexão; o não aceitar passivamente como nos ensina Gramsci (1991)⁶, a marca de “nossa personalidade”, mas atuar propositivamente em um sentido de filosofia da práxis;
- *Como possibilidade de reflexão crítica sobre a prática profissional:* formar professores/as e estudantes como homens e mulheres mais críticos e propositivos frente ao mundo, (...) o professor/a como intelectual reflexivo, pesquisador; profissional que recria cotidianamente seu fazer;
- *Como pesquisa acadêmica:* envolve projeto, referencial teórico-metodológico, rigorosidade metódica e que se concretiza no desenvolvimento de diversos trabalhos ao longo do curso e muito especialmente por meio da monografia.

A partir dos conceitos expostos podemos entender que a pesquisa hoje ocupa lugar de destaque na formação do profissional investigativo, capaz de observar e modificar seu espaço; ver e rever suas atitudes criticamente; reinventar sua prática dia após dia. Tais habilidades fazem parte do ofício do pedagogo, por tanto se a pesquisa é um mecanismo que nos capacita a exercê-las então a mesma torna-se de suma importância em nossa formação.

Com a intenção de ampliar os conceitos e dimensões que a pesquisa pode assumir frente à formação docente, buscamos neste trabalho conhecer o pensamento dos alunos concluintes do curso de Pedagogia da FFP/UERJ. Para aquisição de tais informações entrevistamos alguns formandos e com seus depoimentos passamos a refletir, à luz das contribuições teóricas nesta área, sobre as contribuições, desafios e questionamentos que a produção monográfica e a pesquisa se apresentam para a formação do pedagogo.

Ainda no processo de levantamento de dados para a construção desse trabalho, entre a busca por livros, textos e materiais teóricos, foi visitado a biblioteca da FFP/UERJ e da UFF (Universidade Federal Fluminense) onde buscamos nas fichas catalográficas dos trabalhos de conclusão de curso, TCC, realizados entre o período do ano 2000 a 2008, os temas abordados nas monografias dos cursos de Pedagogia dessas instituições, com o intuito de verificar se haviam TCCs que abordassem a questão da monografia utilizada como meio obrigatório para a conclusão do curso de Pedagogia. Para este levantamento de dados foram utilizados como critério de busca dos temas as seguintes palavras-chaves: *monografia, obrigatório, pesquisa,*

⁶ GRAMSCI, Antonio. *A Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1991

formação, docência, conclusão do curso e pedagogo, devendo se destacar que os sinônimos dessas palavras também foram considerados.

Na biblioteca da FFP/UERJ não foi encontrada nenhuma monografia que se enquadrasse dentro dos critérios utilizados para a busca que nos referimos acima. É importante ressaltar que a monografia tornou-se trabalho obrigatório para a conclusão do curso de Pedagogia na instituição no ano de 2006 após a reformulação do currículo, mantendo-se facultativa aos alunos antigos da FFP que optaram em continuar cursando o currículo anterior e tornando-se obrigatória apenas aos novos alunos e para aqueles que migraram para o currículo novo. No entanto esta consulta às fichas catalográficas dos trabalhos de conclusão de curso apontou os temas mais abordados pelos alunos da FFP em suas monografias desde o ano de 2006, que são: *Fracasso escolar, Hiperatividade, Dificuldade de aprendizagem e Inclusão Escolar*, não tendo sido encontrado nenhum TCC com a proposta de discutir a(s) finalidade(s) e/ou intenção(ões) da monografia na formação docente.

Em igual, pesquisa realizada com os mesmos critério e intuítos, na biblioteca da UFF foram encontrados 9 monografias que continham em seus títulos ao menos uma das palavras usadas como chave na busca, porém nenhuma das mesmas se propunham a discutir a finalidade da monografia na formação do pedagogo, tais trabalhos apontavam temáticas como: *O curso de Pedagogia da UFF sobre a ótica discente; O curso de Pedagogia no Brasil: trajetórias, identidades e políticas; A formação do professor alfabetizador no curso de Pedagogia da UFF/Niterói; Formação em Pesquisa: A formação do professor pesquisador no curso de Pedagogia da UFF: Uma perspectiva; Formação e identidade profissional; O Curso de Pedagogia na UFF/ Niterói: Uma nova proposta para a formação do educador; O tema no trabalho monográfico; A pesquisa no curso de formação de professores; Discutindo o currículo do curso de Pedagogia da UFF a partir da compreensão dos alunos: suas perspectivas e preocupações.*

Após a visita e a coleta de informações nas bibliotecas da FFP e da UFF, investigando os procedimentos para a realização do trabalho monográfico, foi enviado um e-mail para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) pedindo que fossem destacadas as normas que regem a elaboração dos trabalhos científicos no Brasil. Tais informações estão relatadas no quadro apresentado no Capítulo 3 deste trabalho.

Com uma visão mais clara do caminho a percorrer para a construção desta monografia iniciou-se os momentos das entrevistas semi-estruturadas. Primeiramente foram entrevistadas as alunas da FFP, formandas que estavam no processo de construção de suas monografias e

enfrentando os desafios para elaboração das mesmas. Realizamos também algumas conversas livres com outros alunos do curso. Buscamos ainda ouvir a opinião de uma professora do Departamento de Educação da FFP que participou ativamente do processo de mudança curricular da instituição onde ficou estabelecido a obrigatoriedade da monografia como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia na FFP/UERJ. Tais informações foram se entrelaçando em meio aos conteúdos abordados no decorrer do curso, às teorias e práticas educacionais, às vivências, às angústias e aos questionamentos e assim foram inspirando a construção deste trabalho final de curso, desta monografia.

As entrevistas aconteceram durante o 2º semestre do período letivo de 2009, com alunas que se disponibilizaram a participar apresentando suas opiniões. As entrevistas foram feitas na própria FFP e seguiram um roteiro que está apresentado no Anexo I desta monografia. Na apresentação de fragmentos dos depoimentos coletados, passaremos a identificar as alunas através das letras do alfabeto: “M e S”.

2.1 Entrevistas com as formandas

A questão da obrigatoriedade da produção de trabalho final de curso em forma de monografia nos traz muitos anseios e ouvir as inquietações dos alunos sobre a mesma pode ser o início da descoberta de um caminho para torna o processo de construção da monografia menos assustador e mais prazeroso aos seus escritores.

Em entrevista a formanda que aqui nos referiremos pelo uso da letra “M”, foi perguntado o que a mesma pensa sobre a produção da monografia em caráter obrigatório. A aluna respondeu:

“Rsrs!!! Eu acho errado. Acho que deveria ser uma coisa, é é é, não sei acho que você teria que ter o direito de escolher ou não se você quer fazer. Até porque muita gente faz nas coxas ou deixa de se formar na expectativa de fazer e não tem um reconhecimento com aquilo, não tem uma vontade de ter um trabalho acadêmico depois. Então eu acho que perde a função de mostrar ao aluno concluinte que dentre tantas áreas estudadas há uma que lhe causa um maior reconhecimento e pode suscitar um desejo da busca de resposta, de novos estudos, de um olhar autoral do aluno...Acredito que esta função se perde quando o “desejo de busca” passa a ser uma “obrigação.”
(depoimento da aluna M)

Ao fazer a mesma pergunta a formanda que aqui nos referiremos pelo uso da letra “S”, tivemos a seguinte resposta:

Penso que é um trabalho de importância, mas que ainda tem algumas falhas. Primeiramente esse assunto deveria ser tratado desde o início da faculdade, mas não é, alguns professores até comentam que teremos que fazer um trabalho de conclusão de curso, mas que é uma coisa mais pra frente. Ou seja, quando chega no 5º período, com a matéria de pesquisa III, a professora já quer o tema, a questão e o pré-projeto pronto. Como podemos ter tudo isso pronto se não sabemos nem o que é a monografia, só sabemos que temos que produzir um texto com no mínimo 30 páginas tendo o auxílio de um professor orientador, fica complicado! Uma questão importante que complicou um pouco meu trabalho foi a procura, a saga por um professor-orientador, acho que o departamento está com poucos professores para o número de alunos, os professores estão sobrecarregados. Outro assunto que foi imprescindível para eu definir minha linha de pesquisa foi o tempo, ou a falta dele, eu trabalho, como muitos, então não tive tempo suficiente para realizar uma pesquisas da forma que eu queria, então fui buscando caminhos para tentar suprir essa falta de tempo para pesquisar. Quanto à questão da obrigatoriedade ninguém gosta de fazer nada por obrigação, acredito que se fosse uma coisa livre seria muito mais prazeroso, até porque se fosse “faz quem quer”, não precisaria ter tantas regras e o aluno faria realmente por interesse, até por ter mais facilidade de pesquisar livremente. (depoimento aluna S)

Podemos perceber que a questão da obrigatoriedade da escrita da monografia como TCC na FFP/UERJ, não é vista com bons olhos pelas alunas entrevistada. Ambas nos dizem que seria melhor se sua realização fosse facultativa.

Com base nos comentários acima, analisando cautelosamente o assunto surgem as seguintes questões que ainda precisam de respostas: Se a o trabalho de pesquisa dimensionado pela monografia não fosse quesito obrigatório para a conclusão do curso todos os alunos assumiriam o compromisso de aprofundar seus conhecimentos em um tema desejado? E os alunos que não optassem por esse caminho não ficariam com um déficit em sua formação?

Outro aspecto da entrevista destaca a opinião das formandas quanto à importância do processo de pesquisa na formação do pedagogo. Em resposta a essas questões a formanda “M” comenta:

“Eu acho importante porque te dar outro caráter de estudo. Você não tem só que reproduzir o que o outro diz, você cria o seu momento, você tem a sua idéia mais valorizada em uma monografia do que em um trabalho que se entrega normalmente.”

E a formanda “S” frente a mesma questão afirma:

“(...) todo ambiente educacional é um campo de pesquisa. A educação é um tema muito amplo, ou seja, quase tudo está ligado à educação. A educação é uma área que literalmente lida com vidas, vidas estas que se encontram em várias realidades diferentes, passando várias situações econômicas,

sociais e culturais distintas. Conviver com pessoas diferentes em situações diversas e saber como lidar com elas já é uma grande pesquisa, concorda? Entendo que se não passássemos por esse processo de produção da monografia na faculdade, que bem ou mal já está nos alertando de como vai ser nossa vida lá fora, acredito que íamos sair da faculdade achando que tudo é um “mar de rosas” e quando estivéssemos com um problema em nossas mãos não saberíamos como solucionar. A pesquisa da monografia já vai nos abrindo os olhos, vai nos ajudando a perceber, nem que seja um pouco, como é essa realidade nas escolas.”

A partir dessas respostas podemos observar que a importância da pesquisa na formação do pedagogo é fato inegável, mas então o que explicaria a resistência relacionada à questão da monografia como trabalho de conclusão de curso? Será que é apenas o fato de ser obrigatório ou será que o fato de muitos de nós nunca termos passado por uma situação como essa, onde somos postos frente a nós mesmos e nos é exigido o ápice da produção de conhecimento, nos assusta?

Diante desses relatos e de minha experiência pessoal pode-se perceber que a resistência que alguns alunos apresentam ao trabalho monográfico pode não estar relacionado à realização da pesquisa propriamente dita e sim aos transtornos e investimentos que a mesma pode provocar, pois os benefícios são imensuráveis e incontestáveis. Mas será que ao pensar nos prós que a pesquisa traria aos estudantes do curso de Pedagogia da FFP/UERJ também se pensou em seus contras? A busca por um professor orientador, citada pela aluna “S”, a falta de tempo hábil para a pesquisa, as dificuldades em se encontrar referências bibliográficas para alguns temas, (processo de maturidade e crescimentos dos alunos) o início formal da abordagem do trabalho apenas na disciplina de Pesquisa III e não no início do curso (questão curricular e estrutural) e principalmente a falta de conhecimento sobre o que de fato é a *Monografia* nos faz pensar que muitas das inquietações que rondam os alunos que estão em processo de construção desse trabalho científico são causadas essencialmente pela insegurança, pela falta de informações sobre o que realmente é a monografia.

Capítulo 3

O que é *Monografia*?

A palavra *monografia* significa, no sentido etimológico, segundo o dicionário Aurélio, *dissertação a respeito de um assunto único*, já que (mono) significa um só e graphein (grafia) significa escrever, ou seja, escrever de maneira linear e restrita sobre um único tema. Em definição encontrada nas normas da ABNT, mais precisamente na NBR 6023, 3.7- *monografia é: item não seriado, isto é, item completo, constituído de uma só parte, ou que se pretende completar em um número preestabelecido de partes separadas*. Com tudo, a monografia é um trabalho científico, com um único tema e uma problemática específica. É um processo de pesquisa, investigação, comparação, seleção e disposição normativa, onde se deve sintetizar os conhecimentos obtidos ao longo da formação, exercendo autonomia, perspicácia e técnica.

É imprescindível que todos entendam a mensagem que se deseja transmitir com as pesquisas e reflexões realizadas ao longo da construção da monografia e para que sua finalidade seja alcançada com êxito torna-se indispensável que sua escrita seja redigida de forma clara e objetiva. Tendo sua base estrutural fundamentada de acordo com os critérios estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), órgão responsável pela normalização técnica no país, fundado em 1940, tornando-se a instituição que delimita e normatiza as regras dos trabalhos científicos no Brasil em todas as etapas de sua construção.

Algumas dessas regras que regem a construção do trabalho acadêmico brasileiro podem ser encontradas nos seguintes termos apresentados no quadro abaixo:

Código	Título	Objetivo
NBR 6023	Informação e Documentação – Referências – Elaboração	Estabelece os elementos a serem incluídos em referências. Fixa a ordem dos elementos das referências e estabelece convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação. Destina-se a orientar a preparação e

		compilação de referências de material utilizado para a produção de documentos e para inclusão em bibliografias, resumos, resenhas, resenhas, resenhas e outros.
NBR 6024	Informação e documentação - Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação	Estabelece um sistema de numeração progressiva das seções de documentos escritos, de modo a expor numa seqüência lógica o inter-relacionamento da matéria e a permitir sua localização. Aplica-se à redação de todos os tipos de documentos escritos, independentemente do seu suporte, com exceção daqueles que possuem sistematização própria (dicionários, vocabulários etc.) ou que não necessitam de sistematização (obras literárias em geral).
NBR 6027	Informação e documentação - Sumário – Apresentação	Estabelece os requisitos para apresentação de sumário de documentos que exijam visão de conjunto e facilidade de localização das seções e outras partes.
NBR 6028	Informação e documentação - Resumo – Apresentação	Estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos
NBR 10520	Informação e documentação - Citações em documentos – Apresentação	Especifica as características exigíveis para apresentação de citações em documentos
NBR 14724	Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos – Apresentação	Estabelece os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros), visando sua apresentação à instituição (banca, comissão examinadora de professores, especialistas designados e/ou outros).

3.1 - Etapas para construção da monografia

A construção de uma monografia exige planejamento e metodologia. Dentre esses aspectos podemos enumerar os seguintes momentos:

3.1.1- Determinação do tema-problema do trabalho;

É chegada à hora da escolha. Muitas dúvidas, inquietações, momento de reflexão sobre seu próprio eu, sobre sua subjetividade, o que o compõe; de buscar uma gênese reflexiva surgida através da vivência intelectual incorporada no meio acadêmico, algo que ao longo do curso tenha tocado e se tornado experiência, na visão de Larrosa Bondía quando nos diz que “*experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca*” (2002, p.21). Por tanto este deve ser um tema causador de incomodo investigativo e ao mesmo tempo prazeroso, sendo de fundamental importância que esteja bem definido e delimitado. Tendo por objetivo transmitir através das reflexões e pesquisas uma mensagem final, assumindo uma posição única referente à problemática abordada.

Após definição do tema, levanta-se uma questão para ser respondida através de uma hipótese que será confirmada ou negada no trabalho de pesquisa, tendo *hipótese* como sinônimo de *suposição*, sendo um possível encaminhamento para responder a questão icada.

É indispensável que ao longo do trabalho haja coerência entre os capítulos e raciocínio lógico para que todo/qualquer leitor possa compreender a mensagem que se deseja transmitir, de forma clara, objetiva e unifica, para que assim possam fazer suas próprias reflexões. Por isso, Severino em Metodologia do Trabalho Científico elucida que:

“Todo trabalho científico (...) deve constituir uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente orgânica, deve formar uma unidade com sentido intrínseco e autônomo para o leitor que não participou de sua elaboração”. (SEVERINO 2002. 82)

3.1.2 - Levantamento da bibliografia referente ao tema;

É o momento dedicado a busca e localização dos acervos a serem utilizados, como: livros, textos, artigos e tudo que possa ser utilizado como referência ou inspiração para a construção/elaboração do trabalho acadêmico.

3.1.3 - Leitura e documentação da bibliografia;

Fase destinada à leitura e exploração de todo material selecionado. É hora de ler, ler muito!!! Ler todos os documentos, livros, artigos,(...) que foram previamente selecionados, não deixando jamais de fazer os registros/arquivos de todos os textos, observações e reflexões obtidas através das leituras.

3.1.4 - Construção do trabalho

É colocar em ordem o material selecionado, transcrevê-los e fazer a acomodação de todos os conceitos propostos para a comprovação da hipótese que se deseja pleitear, concatenando uma sequência lógica e consistente de raciocínios que levem ao leitor a mensagem/contribuição que se deseja transmitir com as pesquisas e reflexões do respectivo tema.

A estrutura de uma monografia é basicamente fundamentada em três etapas: *Introdução, Desenvolvimento e Conclusão*. Tendo em apanhado na “*introdução, o anuncio do que se pretende dizer; no corpo, desenvolve-se a idéia anunciada; na conclusão resume-se e sintetiza-se o que se conseguiu*” (Severino 2002.85). Ou seja, na introdução desvendam-se as idéias, expõem-se os objetivos, apresenta-se a tese e a metodologia utilizada para a conquista dos fins, este é peculiarmente o último passo a ser realizado; no desenvolvimento se perpetra a fundamentação do trabalho e na conclusão recapitula-se sinteticamente o resultado da pesquisa.

Em algumas ocasiões essas etapas de construção da monografia não seguem necessariamente a ordem referida, acontecendo de modo aleatório ao longo do curso. Fato trivial que ocorre com alunos que fazem parte de grupos de pesquisas e/ou projetos acadêmico. Por conta de seu alto grau de envolvimento com a abordagem de seus projetos, estes alunos, depois que concluem sua participação nesses grupos ou ainda na fase de desenvolvimento desses projetos, passam a incorporar esses temas em seus trabalhos de conclusão de curso, empregando o grande referencial teórico que se obteve com as pesquisas anteriores.

Começar a entrelaçar as idéias e as teorias que irão embasar o TCC pode ser uma experiência árdua, penosa, confusa e difícil. Por isso, para que haja maior entrosamento e familiaridade com o tema, alguns Professores-Orientadores ou nas disciplinas de pesquisa que compõe o currículo do curso, pedem que se faça um *Memorial de Formação*, espaço onde existe a liberdade de narrar fatos e experiências que marcaram sua trajetória, acadêmica ou não, mas que de alguma maneira levaram à escolha do tema para a pesquisa e construção do trabalho de monografia.

Prado e Soligo definem Memorial da seguinte maneira: “*Memorial (do latim memoriale) é a escrita de memórias e significa momento ou escrita que relata acontecimentos memoráveis*” (2005, p. 06). E ainda nos ensinam que “*Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto onde o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes*”. (PRADO E SOLIGO 2005, p. 06)

No decorrer da escrita do memorial de formação, vão surgindo brechas que nos levam a fazer ligações com as teorias relacionadas ao tema em questão. Tornando possível a articulação entre idéias e teorias, além de elucidar, ao leitor, o interesse em tal pesquisa.

3.2 Escrevendo a monografia

O ato da escrita/construção de uma monografia é o ato de autoria, onde a liberdade de escolha do tema está referida por um padrão científico e de formatação. Neste momento se tem a oportunidade de apresentar os dados da pesquisa de acordo com sua própria ótica, com seu parecer, suas perspectivas e abordagens, analisando junto aos autores hipóteses, colaborações e críticas, concordando ou não com estudiosos que já trataram do tema e nunca deixando de seguir as normas previamente estabelecidas que regulamentam a monografia.

Dentre algumas características indissociáveis que especificam a escrita da monografia é necessário que haja primordialmente um entrelace de argumentações e fatos; articulações de idéias e a legitimação e comprovação da hipótese relacionada, não podendo ser algo puramente intuitivo e/ou dedutivo, tudo deve estar teoricamente fundamentado, ou seja, comprovado cientificamente. Não que necessariamente deva-se concordar com a linha de pesquisa da qual sua hipótese estará fundamentada, porém é indispensável que haja o diálogo entre o científico e as questões investigadas. Provocar reflexões, instigações, ressalvas, amadurecimento intelectual, contribuições sobre o tema e principalmente sobre a questão aguçada é a essência que rege a construção do trabalho monográfico.

Severino, em Metodologia do Trabalho Científico (2002), nos diz:

“O trabalho científico em geral é um discurso completo, que pode ser narrativo, descritivo ou dissertativo. Mas sendo ele um trabalho de conclusão de curso assume uma característica dissertativa, pois consiste em demonstrar, mediante argumentos uma tese, que é uma solução proposta para um problema, relativo a um determinado tema.” (2002, p.183)

Voltando às entrevistas e conversas com as formandas de Pedagogia, colocamos em debate a seguinte questão: Em sua concepção o que é monografia?

A formanda “S” nos diz:

“Acredito que na teoria é uma pesquisa de autoria do próprio aluno para conclusão do curso, que tem como objetivo transformar o aluno num professor pesquisador. Mas na prática é uma pesquisa em que o aluno tem que reescrever, na verdade, coisas e conceitos que outros autores já disseram por que se não, não tem validade. Não posso deixar de dizer que é um trabalho penoso, pois temos que correr atrás dos professores para nos orientar e quando encontramos uma boa alma temos que correr na frente porque aí já está perto de entregar a monografia. Isso tudo sem contar a

falta de tempo para escrever e pesquisar, pois a maioria dos alunos são alunos-trabalhadores. Ou seja, para mim a monografia é apenas uma obrigação que tenho que cumprir para concluir meu curso, por conta de todas essas dificuldades deixa de ser um trabalho prazeroso para se tornar penoso.”

A formanda “M” responde da seguinte maneira:

“Pra mim monografia é uma espécie de trabalho final onde você tem a possibilidade de escolher um ponto que foi trabalhado nesses quatro anos na faculdade para explorar mais, uma coisa que tenha te causado reconhecimento.”

Em vista a esses depoimentos podemos notar que a monografia assume posições distintas frente a cada um de nós, frente aos nossos anseios e as nossas peculiaridades. Mas em síntese, a monografia é um trabalho de pesquisa que consiste em suscitar diretrizes e resoluções com relação ao tema abordado, de forma a contribuir com o conhecimento e desenvolvimento científico, tornando-se também uma aliada ferramenta para iniciação a uma carreira acadêmica e/ou científica.

Considerações Finais

O tema abordado nesta monografia é um tema rígido, causador de muitas inquietações e de perguntas ainda sem respostas. Falar sobre a Educação no nosso país e o sistema que a constitui é motivo de longos debates e reflexões, de fato temos ciência de que nem todos os alunos são privilegiados com uma educação escolar, seja ela de nível fundamental e/ou médio de excelência. Uma educação entrelaçada às indagações, aos questionamentos e que o coloque em contato com o mundo das teorias, das pesquisas e das descobertas; uma educação voltada ao desenvolvimento crítico, ativo e múltiplo do sujeito. Assim a universidade coloca-se como um espaço propício a disseminação e/ou iniciação desses conceitos e atitudes. Freire (1996, p.79) nos diz que “*mudar é difícil, mas não é impossível*”, iniciar esse processo de busca, pesquisa e reflexão, tornando-se um ser curioso e investigador apenas na universidade, em um curto espaço de tempo, não é uma tarefa fácil, mas que se faz necessária e indissociável a formação do pedagogo, mais um dos tantos desafios que enfrentaremos em nossa profissão. Por isso podemos considerar que a prática da escrita da monografia no Ensino Superior seja uma tentativa de amenizar essa “*lacuna*” na educação, dando a pesquisa um lugar de destaque e valorização no âmbito acadêmico, tornando a monografia um mecanismo fundamental para a conclusão do curso de Pedagogia na FFP/UERJ.

De fato não sabemos se em apenas 4 anos, tempo de duração do curso de Pedagogia na FFP, a universidade é capaz de suprir as deficiências educacionais trazida por seus alunos ao longo da trajetória escolar, porém a tarefa de formar profissionais capacitados para o exercício de suas funções deve ser cumprida. E na formação do pedagogo o campo da pesquisa se coloca como base estrutural de um profissional que visa refletir suas práticas cotidianas e desenvolver estratégias que colaborem com o âmbito educacional, seja em uma instituição escolar ou não, um profissional que busca nas diferenças, nas aptidões, nos anseios e nos desejos meios de tornar o ensino sinônimo de prazer, respeitando a singularidade de cada indivíduo. Saber como lidar com as dificuldades do dia-a-dia, oferecer hipóteses que contribuam para o desenvolvimento científico e com a resolução de problemas em meio ao social são tarefas difíceis que necessitam de observação, reflexão, muito estudo (pesquisa) e dedicação.

Todavia a monografia é sim um caminho obrigatório a ser traçado para a conclusão do curso de Pedagogia na FFP/UERJ, mas não somente com o intuito de ser um trabalho de

avaliação final, mas prioritariamente com a finalidade de despertar em seus alunos os sentidos críticos, éticos, metódicos, ideológicos, envolvendo-o diretamente em todos os processos que uma pesquisa de nível acadêmico requer, oferecendo-os a oportunidade da aproximação com o campo da pesquisa, sendo a primeira etapa na vida acadêmica de um pesquisador.

BIBLIOGRAFIA

- BEILLEROT**, J. A pesquisa: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, A. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001.
- BISSOLLI DA SILVA**, Carmem Silvia. *Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade*. Campinas: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 66).
- _____, Diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia no Brasil: Um tema vulnerável às investidas ideológicas. Mirília, 2001 (Mimeogr)
- BRASIL**. Ministério da Educação (2005). Diretrizes e Bases do Curso de Pedagogia
- BRITO**, Rosa Mendonça de. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil
http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:UJQbpAyTsMgJ:dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf+Rosa+mendon%C3%A7a+de+Brito+breve+historico+do+curso+de+pedagogia+no+brasil'&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESjfKqLvFlx8golVMSiqdIgX0N1LkT8gjjvqqlMOHi9qi1SILZ1H88iWp8ky8iIWLGH4xd1kNblqex3qQEP5zcOIOcsFp5gchE3YBlng12PvWdtqSM8HfzagwahW3Np4BSKE4n9eb&sig=AHIEtbQCcr7OOx07KfIGFYZaF7oPESF-Dg
- BRZEZINSKI**, Iria. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento*. Campinas: Papirus, 1996.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura). 36ª Ed.
- LARROSA**, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência eo saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. ANPED. no19, p.20-28, Jan/ Fev/Mar/Abr., 2002.
- LIBÂNEO**, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1998
- PRADO**, Guilherme de Val Toledo e **SOLIGO**, Rosaura. Memorial de Formação – Quando as memórias narram a história de formação In: PRADO, Guilherme de Val Toledo e
- SAVIANI**, Dermeval. Contribuição a uma definição do curso de pedagogia. *Didata: a revista do educador*. (O que é Pedagogia?) São Paulo, n.5, 1976.
- SEVERINO**, Antônio Joaquim, 1941- Metodologia do Trabalho Científico / Antônio Joaquim Severino. – 22. Ed. rev. e ampl. De acordo com a ABNT – São Paulo : Cortez, 2002
- SITE** da ABNT www.abnt.org.br
- SOLIGO**, Rosaura (org) Porque escrever é fazer história. Campinas, SP, Graf. FE, 2005.

Anexo I

Roteiro de entrevistas:

Para professora

- Qual a importância da pesquisa na formação do pedagogo?
- Porque a monografia se tornou obrigatória para conclusão do curso de pedagogia na UERJ/FFP?
- Na sua visão qual foi o caminho, as escolhas para se chegar a esta proposta?
- Por que antes do Currículo Novo a monografia não era obrigatória? Qual a visão que se tinha sobre a conclusão do curso de Pedagogia?
- Como você entende a reação dos alunos frente a essa prática?
- Acredita que com a realização da monografia o curso de Pedagogia alcança o objetivo desejado para formação de seus pedagogos em relação ao processo de pesquisa?

Você gostaria de acrescentar algo importante sobre esse tema?

Para as alunas:

- O que é monografia?
- O que você pensa sobre a produção da monografia obrigatória para os alunos do curso de pedagogia da UERJ/FFP como trabalho de conclusão de curso?
- Em que a monografia poderá ajudar, ser útil em sua formação? E após sua graduação? Você se imagina desenvolvendo atividades de pesquisa, levantamento de informações, compreensão e análise dos fatos e da realidade educativa?
- Para você o processo de pesquisa é importante na formação do pedagogo? Porquê?

Você gostaria de acrescentar algo importante sobre esse tema?

Anexo II

Visita a Biblioteca da FFP/UERJ - Trabalhos de Conclusão de Curso - Pesquisa realizada no período de 2001 a 2008.

- ✓ Não foram encontrados na biblioteca da FFP/UERJ temas com as palavras destacadas:
 - Curso de Pedagogia
 - Formação
 - Pesquisa
 - Pedagogo
 - Monografia

- ✓ Os temas encontrados foram:
 - Fracasso escolar
 - Hiperatividade
 - Dificuldade de aprendizagem
 - Inclusão Escolar

Trabalhos de Conclusão de Curso / UFF

Levantamento realizado no período de 2000 a 2008.

Tema	Auto	Ano
O curso de Pedagogia da UFF sobre a ótica discente	SOARES, Catarina da Silva	2002
O curso de Pedagogia no Brasil: trajetórias, identidades e políticas	ALBUQUERQUE, Emanuele Alexandre de Jesus	2002
A formação do professor alfabetizador no curso de Pedagogia da UFF/Niterói	CUNHA, Bárbara Valente	2004
Formação em Pesquisa: A formação do professor pesquisador no curso de	HERVANO, Mary Elen Costa	2004

Pedagogia da UFF: Uma perspectiva		
Formação e identidade profissional	MENDES, Jorgiana da Silva	2004
O Curso de Pedagogia na UFF/ Niterói: Uma nova proposta para a formação do educador	SANTOS, Márcia Peixoto dos	2004
O tema no trabalho monográfico	ARAÚJO, Bárbara Cardoso Ferreira de	2004
A pesquisa no curso de formação de professores	BRAGA, Andreia de Castro	2006
Discutindo o currículo do curso de Pedagogia da UFF a partir da compreensão dos alunos: suas perspectivas e preocupações	SILVA, Priscila Oliveira da	2008